
**COMO NOSSOS PAIS... REVISITANDO AS NARRATIVAS DE MÃES SOBRE
GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS**

Acione Leite de Souza Cremonesi¹
Anna Gabriela Fernandes Solaeche²
Francielly Martins dos Santos³

RESUMO:

Este artigo visa apresentar os resultados de um registro de memórias de mães sobre as vivências da sexualidade e das relações de gênero de seus filhos, relacionado ao Projeto de Ensino da Unidade de Estudo: Gênero e Educação do Curso de Pedagogia, Licenciatura, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. O objetivo principal consiste em apresentar as experiências das mães, destacando em que momento da infância e/ou da adolescência dos/das seus/suas filhos/as elas perceberam as descobertas da sexualidade e como se constituem entre eles as relações de gênero. Para tanto, gravamos em áudio entrevistas e posteriormente as transcrevemos, norteadas por um roteiro previamente elaborado. A interpretação do material produzido foi balizada pela análise de conteúdo e fundamentada pelas obras de estudiosos da Psicanálise, da História social e da Filosofia. Os resultados sinalizam que, apesar de as entrevistadas não receberem orientação sexual adequada de suas famílias, compreendem o quão importante é transmitir essa orientação aos seus filhos. Por fim, inferimos que a orientação sexual pode ir além da transmissão das informações mantidas por meio de uma visão moralista e conservadora sobre sexualidade e gênero. Logo, faz-se necessário promover uma busca por espaços de ruptura com o padrão tradicional preestabelecido. Para isso, a família pode debater com seus filhos a educação sexual, a fim de superar modelos repressivos culturalmente impostos pela sociedade.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Relações pais-filhos. Sexualidade. Educação sexual. Orientação sexual.

¹ Egressa do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Campo Grande. E-mail: acione.leite@yahoo.com.br

² Egressa do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Campo Grande. E-mail: gabrielasolaeche@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Campo Grande. E-mail: fran.2406@hotmail.com

**LIKE OUR PARENTS ... REVIEWING MOTHER NARRATIVES ON GENDER AND
SEXUALITY IN CHILDREN'S EDUCATION**

ABSTRACT:

This article aims to present the results of a mothers' memories record about the experiences of sexuality and gender relations of their children, related to the Teaching Project of the Study Unit: Gender and Education of the Pedagogy Course, Licentiate, from Mato Grosso do Sul State University. The main objective is to present the experiences of the mothers, highlighting the moment of the childhood and/or adolescence of their daughters and sons they realized the discoveries of sexuality and how it is constituted among them gender relations. To do so, we recorded audio interviews and later transcribed them, guided by a previously prepared script. The interpretation of the material produced was guided by content analysis and based on the works of scholars of Psychoanalysis, Social History and Philosophy. The results indicate that, although the interviewees do not receive adequate sexual orientation from their families, they understand how important it is to transmit this orientation to their children. Finally, we infer that sexual orientation can go beyond the transmission of information maintained through a moralistic and conservative view on sexuality and gender. Therefore, it is necessary to promote a search for spaces for rupture with the pre-established traditional pattern. Thus, the family can discuss sexual education with their children, in order to overcome culturally repressive models imposed by society.

Keywords: Gender relations. Parent-child relationships. Sexuality. Sex education. Sexual orientation.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está ligado ao Projeto de Ensino da Unidade de Estudo: Gênero e Educação do Curso de Pedagogia, Licenciatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e tem como tema: Roteiro de Conversa com Mães e/ou Pais de Crianças e Adolescentes para o Registro de Memórias sobre as Vivências da Sexualidade e Relações de Gênero. Com o objetivo apresentar as experiências de pais, destacando em que momento da infância e/ou da adolescência dos seus filhos/as eles perceberam as descobertas da sexualidade e como se constitui entre eles as relações



de gênero. Para tanto, as pesquisadoras gravaram em áudio as entrevistas e posteriormente transcreveram-nas norteadas por um roteiro previamente elaborado.

Os entrevistados caracterizam-se por uma mulher de 29 (vinte e nove) anos, solteira, que possui um filho de 7 anos, identificada como T. E. O, uma mulher 34 anos (trinta e quatro) anos, identificada como J. G. S., casada, que possui três filhos, um menino de 18 (dezoito) anos, identificado nas respostas com L. N., uma menina de 12 (doze) anos identificada como M. I. e um menino de 7(sete) anos, identificado como L. H., J, inicia falando sobre algumas vivências de seu filho L. N., porém no final, suas respostas são voltadas para sua filha M. I. e uma mulher de 28 (vinte e oito) anos, identificada como S. M., solteira, que possui uma filha de 9 (nove) anos. As entrevistadas serão identificadas na transcrição como T, J e S.

A escolha pelo registro de memórias dos pais sobre as vivências da sexualidade de seus filhos e relações de gênero pode ser justificada por uma afirmação de Freud “O interesse intelectual da criança pelos enigmas do sexo, o seu desejo de conhecimento sexual, revela-se numa idade surpreendentemente tenra” (FREUD, 1907/1976, p. 2). Sendo assim, os pais em algum momento se deparam com os questionamentos de seus filhos acerca do assunto, é preciso que estejam preparados para lidar com isso, mas não é o que acontece, normalmente, segundo Freud,

[...] o método habitualmente utilizado não é, obviamente, o correto: oculta-se das crianças todo conhecimento sexual pelo maior tempo possível, e então, em termos pomposos e solenes, a verdade, ou melhor, uma meia verdade, lhes é revelada de uma só vez, em geral demasiado tarde. [...] O que realmente importa é que as crianças nunca sejam levadas a pensar que desejamos fazer mais mistério dos fatos da vida sexual do que de qualquer outro assunto ainda não acessível à sua compreensão; para nos assegurarmos disso, é necessário que, de início, tudo que se referir à sexualidade seja

A obra de Freud surge entre o final do século XIX e início do século XX, diante de uma sociedade sob rigorosa ordem social, influenciada pelos ideais da família burguesa e marcada pela repressão da sexualidade. Por esta razão, a criança teria que



ser preservada de tudo que se referir à sexualidade, visando que ela cresça para dar continuidade aos valores morais da época. A criança na concepção de Freud (1909/1976, p.8) apresenta curiosidade sexual e cria teorias diante daquilo que ainda não compreende e busca respostas às suas indagações.

A sexualidade da criança se expressa por meio da busca pelo conhecimento, seja sobre as diferenças sexuais, seja sobre a origem dos bebês e seus pais possuem papel fundamental no êxito da criança em obter o saber. Freud (1907/1976, p.2) afirma que é um erro pensar que não existe instinto sexual na criança, ou seja, o recém-nascido vem ao mundo com sua sexualidade e poucos chegam à puberdade sem experimentar sensações e atividades sexuais. [...] A puberdade apenas concede aos genitais a primazia entre todas as outras zonas e fontes produtoras de prazer, assim forçando o erotismo a colocar-se a serviço da função reprodutora. (FREUD, 1907/1976, p. 2).

Vale ressaltar que Freud (1907/1976, p.2) aponta que não esclarecer sobre os assuntos sexuais podem conduzir as crianças a esconder de seus pais interesses íntimos por fragilizar as relações de confiança entre eles. As indagações sem respostas podem levar à meditação obsessiva e a procurar soluções que se aproximam das explicações falsas e a posteriori podem entender o sexo como horrível e nauseante. Além disso, no trajeto de suas investigações sobre a sexualidade infantil, Freud (1907/1976, p.2) se deparou com o pequeno Hans que desde cedo mostrava interesse pela parte de seu corpo que chamava de “pipi” e que perguntava a mãe:

[...] Mamãe, você também tem um pipi?’ Ela respondeu: ‘Naturalmente. O que é que você acha?’ Também ao pai ele perguntou várias vezes a mesma coisa. Nessa época, ao entrar pela primeira vez num estábulo, viu uma vaca ser ordenhada. ‘Olhe só!’ exclamou surpreso, ‘sai leite do pipi dela’. Aos três anos e nove meses parecia a caminho de por si mesmo fazer a descoberta de categorias corretas, através de suas observações. Ao ver sair água de uma locomotiva, exclamou: ‘Veja, a máquina está fazendo pipi. Onde está o pipi dela?’ E acrescentou, depois de refletir: ‘O cachorro e o cavalo têm pipis; a mesa e a cadeira não têm.’ Recentemente, olhava a irmãzinha de sete dias tomar banho, quando comentou: ‘O pipi



dela é muito pequeno, mas vai ficar grande quando ela crescer.
(FREUD, 1907/1976, p.2)

Na perspectiva de Freud (1907/1976, p.2) o pequeno Hans não é uma criança sensual e tão pouco apresenta alguma patologia, nesse caso, ele expressa aquilo que pensa por não ter sofrido intimidações e nem ter sido oprimido por sentimento de culpa.

Diante do exposto, a história da sexualidade tem sido contada como uma história de repressão. Conforme Foucault (1984, p.6) a imagem da moral vitoriana, com uma sexualidade contida, muda, hipócrita, em que a família conjugal incitava o silêncio ao sexo, reduzindo-o a procriação, fazia desaparecer a liberdade de expressão que até o século XVI caracterizava a sexualidade, com práticas sexuais sem segredo e tão pouco discrição; tolerância com assuntos ilícitos; transgressões evidentes; corpos à mostra, discursos sem pudor e crianças astutas em meio à vida dos adultos, sem espanto, nem escândalo. Logo, o puritanismo estabeleceu a interdição, inexistência e mutismo do sexo, isto significa que a sexualidade estaria atuando nos moldes da repressão.

Foucault (1984, p.10) constata razões históricas e políticas que proporcionaram a manutenção dos discursos sobre a repressão do sexo. Na perspectiva histórica, a explicação aceitável seria que a “idade da repressão” coincide com a ascensão do capitalismo, no qual a força de trabalho é intensamente explorada não sendo permitido desperdiçá-la com prazeres, reduzindo o sexo ao mínimo da procriação.

Enquanto que no ponto de vista político, se de algum modo tentar extrapolar os limites da repressão vira anormal desafiando os poderes estabelecidos, em consequência, pagará sanções. A repressão seria “o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade” (FOUCAULT 1984, p.10). Nesse sentido, o poder é considerado como domínio que institui lei e requer submissão. Foucault compreende o poder:

[...] primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua



organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1984, p.87)

A partir deste momento, Foucault questiona a hipótese repressiva, pois, nela ocorre o vínculo do poder à proibição, interdição, coerção e censura e deste modo, não se permite o saber sobre o sexo. Mas é justamente o contrário, de acordo com Foucault (1984, p.17) esses elementos teria uma função tática dentro da hipótese repressiva. Com isso, o poder não restringe, mas instiga, há na realidade uma “vontade de saber” que não se deteve diante dos elementos negativos vinculados ao poder. Nesse cenário, a hipótese repressiva deixa de ser sustentada e em seu lugar emerge a vontade de saber, então, o sexo não foi silenciado, mas colocado em discurso e ainda,

[...] os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas. (Foucault, 1984, p.96)

O discurso intensificou-se conforme as necessidades políticas e econômicas sob o domínio do poder, isto é, foi necessário “regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (FOUCAULT, 1984 p.27). Cabe ressaltar que, Foucault observou que houve uma explosão discursiva, uma incitação à multiplicação dos discursos sobre o sexo no exercício do poder relacionada à técnica de confissão. Desde o Concílio de Trento, no século XVI, a igreja católica intensificou o uso da confissão, haja visto que nesse momento histórico havia o desejo de conhecer a verdade sobre si mesmo, que exercia sobre o indivíduo o poder, seduzindo-o e conduzindo-o à confessar-se.

No discurso confissão não bastava falar sobre as transgressões das leis do sexo, tinha que confessar desejos, pensamentos, prazeres, sensações e sonhos. Aos poucos o uso da confissão foi se expandindo para vários campos e com isso algumas relações foram permeadas por ela, como exemplo: pedagogos e alunos; pais e filhos, peritos e delinquentes, médicos e doentes. Além disso, ocorreu a implantação perversa e a multiplicação de formas singulares de sexualidade, que segundo Foucault;

A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente. Realmente: as sexualidades múltiplas - as que aparecem com as idades (sexualidade do lactente ou da criança), as que se fixam em gostos ou práticas (sexualidade do invertido, do gerontófilo, do fetichista...), as que investem difusamente no relacionamento (sexualidade da relação médico-paciente, pedagogo-aluno, psiquiatra-louco), as que habitam os espaços definidos (sexualidade do lar, da escola, da prisão) - todas constituem o correlato de procedimentos precisos de poder. (FOUCAULT, 1984 p.46)

Foucault considera que o sexo passou a ser objeto da verdade ao vincular a prática médica ao discurso do sexo e considera dois modelos que historicamente produziram a verdade do sexo, um deles é ars erotica (arte erótica) originada pelas civilizações orientais, o outro adveio da sociedade ocidental a scientia sexuals (ciência sexual). Enquanto que na arte erótica a verdade do sexo se encontra-se no prazer

sexual sem que seja necessário leis ou critérios científicos, em que o centro do saber está na prática sexual. Na ciência sexual que se fundamenta como um poder-saber, se obtém a verdade por meio da confissão e adquire-se o saber na prática da confidência.

Cabe destacar que o discurso sobre o sexo articula poder e saber e pode ser, num mesmo momento, instrumento e efeito de poder. Além disso, a sexualidade é o dispositivo histórico que pode servir para várias manobras e estratégias de saber e poder, entre elas: a estimulação dos corpos; a intensificação dos prazeres; a incitação ao discurso; a formação dos conhecimentos e o reforço e controle das resistências. Foucault aponta “quatro grandes conjuntos estratégicos, que desenvolvem



dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo.” (FOUCAULT, 1984, p.99): histerização do corpo da mulher; a pedagogização do sexo da criança; a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. A priori, antes do dispositivo da sexualidade prevalecia o dispositivo de aliança, “sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens.” (FOUCAULT, 1984, p.100).

Um dispositivo não substitui o outro, historicamente o dispositivo da sexualidade se instalou a partir do dispositivo da aliança. Tanto um quanto o outro, articula os parceiros sexuais, mas de modo diferente. O dispositivo da aliança é regido por sistema de regras que estabelece o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito. Enquanto que o dispositivo da sexualidade “funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder.” (FOUCAULT, 1984, p.101).

[...] o dispositivo da aliança se articula fortemente com a economia devido ao papel que pode desempenhar na transmissão ou na circulação das riquezas, o dispositivo de sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal - corpo que produz e consome. (FOUCAULT, 1984, p.100).

Assim, Foucault refuta a hipótese repressiva, uma vez que, parte do pressuposto de que na sociedade desenvolveu-se mecanismos, dispositivos e

estratégias de poder que produziram e intensificaram verdades, saberes e discursos sobre o sexo por meio de uma ciência sexual. Assim, não houve uma procura de modos para se intensificar o prazer sexual, mas de métodos de busca da verdade sobre o sexo em que os mecanismos de poder mediante aos discursos científicos levaram à acreditar.

No Brasil desde a colonização, a repressão do sexo se estabeleceu sobre princípios religiosos e ajustou a sexualidade aos seus moldes por meio de discursos moralistas e práticas perversas. À vista disso, ocorreu exploração de indígenas, negras, crianças e escravos, inclusive para a satisfação sexual, uma vez que, eram considerados objetos de seus senhores. Segundo Del Priore (2011, p.13), as negras e indígenas

andavam seminuas em razão da pobreza material e cultural em que viviam, sendo que, os seios dessas mulheres eram vistos como “aparelhos de lactação”.

Além disso, vestir o índio significava apartá-lo do mal e do pecado simbolizando o combate contra a nudez pela igreja católica. Por outro lado, as mulheres brancas eram vestidas

com decoro, o que aumentava a curiosidade e o desejo masculino. Nos primeiros séculos da colonização do Brasil, a ideia de privacidade inexistia, haja visto que sabia-se tudo de todos, a vida cotidiana era dirigida por leis imperativas e as práticas sexuais e o erotismo eram determinado pelo grupo em que o sujeito estava inserido. Nesse sentido, havia regras e leis que limitavam a intimidade e o sentimento da coletividade sobrepunha o individual. A igreja controlava, por meio da confissão, o comportamento dos casais com o intuito de banir do casamento o erotismo e a sexualidade.

O matrimônio era marcado pela interdição do beijo, do toque e do coito interrompido, assim, o casamento era somente para a procriação. Mesmo com o controle obstinado das práticas sexuais pela igreja, ela não conseguiu acabar com as transgressões praticadas pelos homens que apesar de ter esposas mantinham amásias, atribuindo à sociedade uma dupla moral consolidando-se como uma característica hipócrita da nossa cultura.

Del Priore (2011, p.78) argumenta que os médicos, do século XIX, eram interessados por sexo apesar do tabu que pairava sobre o assunto, a medicina tinha o privilegio com a justificativa de combater os devios sexuais. Além de ocupar-se da asseio das relações dos casais, com base no higienismo e darwinismo, os médicos acreditavam que devido ao esforço que o sexo requeria, o ideal seria as cópulas fossem rápidas e periódicas.

Contudo, mesmo com o rígido controle do sexo pela igreja e pela medicina houveram transgressões, por essa razão, Del Priore (2011, p.100) destaca a hipocrisia do século XIX, marcado pela repressão do sexo, vigilância da nudez e imposição de regras aos casais. Por outro lado, havia no ar a obsessão pelo sexo, visto que, as fendas de portas e paredes proporcionavam sempre um olhar curioso, visitas aos bordéis eram



constantes, infidelidade conjugal explícita, iniciação sexual de jovens burgueses por meio de prostitutas e para chocar a moral da época a nascente pornografia para liberar a imaginação somente dos homens.

No século XX, de acordo com Del Priore (2011, p. 103) iniciou-se as “primeiras rachaduras no muro da repressão” devido as mudanças políticas, sociais e culturais ocorridas com advento da República e pelos ideais da modernidade. Por esse motivo, surgiu uma nova percepção do corpo, já não tão escondido por vestes e menos opulento. O cinema americano e a fotografia influenciaram um novo modelo de beleza feminino que passou a ser o objeto de desejo masculino. Mas, a elegância do corpo não diminuía a falta de informação e a inocência das mulheres, isto é, alguns tabus permaneciam, não se falava de menstruação e muito menos da noite de núpcias em que a noiva obrigatoriamente teria que ser virgem.

A primeira noite de um casal poderia ser uma ruína, alguns jovens liberavam os instintos bestiais e insaciáveis ao invés da delicadeza do amor sublime, o que fazia com que a mulher sentisse repugnância pelo esposo, por isso que, os médicos orientavam o “defloramento com especial cuidado”. Além disso, outros maridos se negavam a qualquer refinamento no ato sexual, pois, suas referências sexuais aprendidas em

bordeis impediam de repetir essas práticas sexuais com sua mulher para não insultá-la ou prostituí-la. A medicina continha excessos por meio de livros que valorizava a virgindade e o pudor e recato distinguia a mulher honesta da leviana.

A repressão vivida pelas mulheres era profunda, haja visto, que falar sobre sexo ou conhecimento sobre ele faziam com que elas sentissem culpadas. Por outro lado, a mulher moderna quebrou tabus ao despir as pernas e a posteriori o corpo nas pornochanchadas, a moda da minissaia, biquíni, topless, a pílula anticoncepcional que liberou a mulher da gravidez indesejada, os divórcios, as relações homoafetivas, a televisão ditou o novo modelo de mulher livre das amarras do casamento e que trabalha fora, surgiram revistas para o público feminino voltadas a falar sobre sexo, orgasmo e fetiches. Juntamente com isso, aumentou os crimes passionais cometidos,

principalmente, por maridos machistas e ou traídos na sociedade atual ainda hipócrita e patriarcal.

DESENVOLVIMENTO

Registro de memórias

T. E. O

Chegamos à residência de T às quatorze horas e trinta minutos, sentamos na sala, nos apresentamos, conversamos sobre alguns assuntos e explicamos como seria a entrevista, em seguida lemos o termo de consentimento e ela o assinou, lemos as perguntas antes de iniciar a gravação para que ela se preparasse, o relato durou vinte e cinco minutos, mas ficamos em torno de cinquenta minutos em sua residência.

E como são vivenciadas as brincadeiras pelo seu filho, na idade em que ele está?

T bom, eu deixo ele bem livre, tem os amiguinhos dele... Ele sai pra jogar bola em frente de casa, vocês viram né... aqui em frente tem um campo de futebol ele adora.

E nessa idade que tipo de brincadeiras... entre os (as) meninos (a)...o seu filho mais gosta de brincar?

T ele adora jogar futebol... se deixar ele joga o dia inteiro... desde pequenininho ele gosta.

E na sua opinião, o que essas brincadeiras representam para ele?

T ahh... acho que diversão né... e também uma aprendizagem... um meio de interagir com os amiguinhos

E como essas brincadeiras possibilitavam a convivência entre os (as) meninos(as)?

T então... como o K é filho único eu acho justo que ele tenha as coleguinhas dele... até pra ele não ficar muito sozinho... é ruim né... ele é criança tem que brincar com as outras crianças... então



daí depois da escola ele chama os meninos da vizinhança e vai pro campo jogar bola

E e nessa brincadeira tem só meninos?

T que menina... que nada... tem as meninas da vizinha aqui do lado que joga bola também... não tem essa não de só menino

E nessas brincadeiras, é possível perceber se já existe - por parte das crianças - uma compreensão sobre a sua sexualidade?

T como assim?

E diferença entre meninos e meninas

T ahh não... eles são pequenininhos ainda... muito criança pra pensar nisso.

E e existe diferença entre brincadeiras só de meninas e brincadeiras só de meninos? Você separa isso?

T não... não... na casa da minha mãe mesmo tem uma casinha... quando ele vai lá ele fica brincando nela... vish... brinca de panelinha com as meninas... não tem essa não... até usa rosa... pra mim é caretice esse negócio de menina só pode isso e menino só pode aquilo... a não...

E e que tipo de educação sexual você proporciona ao seu filho? Você acha que deve conversar com ele sobre diferenças sexuais e tal?

T é assim... ele nunca me perguntou nada e se perguntar também... não sei o que eu vou falar

E conte-nos como é o relacionamento entre meninas e meninos na sua família, na escola e no contexto social em que vivem?

T normal... é como eu disse... ele brinca com as meninas da vizinha assim como brinca com os meninos e quando as primas vêm aqui em casa também... é normal.

E quais valores você procura mostrar ao seu filho para a construção futura de um relacionamento “saudável”?



- T acho que respeitar sempre né... ele sempre me conta tudo o que acontece com ele... e eu sempre tento ensinar da melhor forma... o que é certo... o que pode... o que não pode... e sempre respeitar... os coleguinhas... a professora... os mais velhos... é assim que tem que ser né
- E em que momento da vida de seu filho, você viu a necessidade de dialogar com eles sobre as relações de amizade e de namoro?
- T de namoro ainda não né... mas em questão de amizade... não bater nos outros meninos... devolver as coisas dos outros... essas coisas
- E você recebeu, em algum momento da sua vida, orientação sobre educação sexual e as relações de gênero?
- T ahh cara... vocês sabem com eram nossos pais né... nossa mãe não conversava sobre isso... era tudo careta... a gente tinha é que aprender com a vida mesmo...
- E você acha importante que os pais orientem os seus filhos com relação a isso (sexualidade)?
- T ah.. acho sim... porque se não eles aprendem da forma errada... que nem eu que engravidei nova... nem fiz faculdade... nada

Atribuimos esse depoimento a seguinte afirmação de Freud (1980, p. 2):

A meu ver, certas coisas são, em geral, exageradamente encobertas. É justo conservar pura a imaginação de uma criança, mas não é a ignorância que irá preservar essa pureza. Ao contrário, acho que a ocultação conduz o menino ou menina a suspeitar mais do que nunca da verdade. A curiosidade nos leva a esmiuçar coisas que teriam pouco ou nenhum interesse para nós, se tivéssemos sido informados com simplicidade. Se fosse possível manter essa ignorância inalterada, eu poderia aceitá-la, mas isso é impossível. O convívio com outras crianças, as leituras que induzem à reflexão e o mistério com que os pais cercam fatos que terminam por vir à tona, tudo isso na verdade intensifica o desejo de conhecimento. Esse desejo, satisfeito apenas parcialmente e em segredo, excita seu sentimento e corrompe sua imaginação, de forma que a criança já peca enquanto



os pais ainda acreditam que ela desconhece o pecado. (FREUD, 1907/1976, p.2)

- E então quando você achar que é o momento, você vai conversar com ele sobre isso?
- T cara... não gosto nem de pensar nisso... eu não sei nem o que eu vou dizer...
- E e você acha melhor que seja você ou o pai dele?
- T ah não... o pai não... ele é muito machista... preconceituoso... vai ensinar tudo errado o menino... eu não quero isso não... prefiro encarar e eu mesmo conversar...
- E para finalizar deseja relatar algum acontecimento marcante vivido pelo seu filho em relação às descobertas da sexualidade?
- T acho que não... ahh tem sim... um dia ele chegou da escola... e ele sempre me conta tudo né... daí ele falou que viu o coleguinha no banheiro com a boca nas partes íntimas de outro menino... eu fiquei pasma e fui lá na escola... pedir providências pra diretora... porque se o menino tá fazendo isso é porque ele viu em casa... só pode...
- E e com relação ao seu filho... o que você disse pra ele?
- T eu expliquei que não pode... que eles são criança... e criança não faz isso... já o pai dele quando ficou sabendo já chamou o menino de viado... aff... preconceituoso... não é a questão de ser dois meninos... a questão é que eles são crianças... meu filho vai crescer respeitando os outros... se depender de mim... e ele vai ser o que ele quiser.
- E bom... foram essas as perguntas... muito obrigada e quer falar mais alguma coisa?
- T ah não... esse assunto é sempre complicado... mas eu gostei da conversa... me fez pensar bastante coisa... inclusive no que eu vou dizer pra ele quando ele vier me perguntar alguma coisa... aff... ((risos))... brigada meninas...



J. G. S.

A entrevista fora realizada na residência da sogra de J, chegamos às quatorze horas, conversamos cerca de cinquenta minutos, durante essa conversa, explicamos qual seria o intuito da entrevista, ela nos contou um pouco sobre sua história, lemos as perguntas para que a mesma pudesse ficar mais a vontade para respondê-las e logo assinou o termo de consentimento, o relato durou vinte minutos, mas ficamos cerca de duas horas na casa de sua sogra. J é mãe de três filhos, e no momento inicial de seu relato, a mesma não consegue se lembrar muito das brincadeiras da menina de 12 (doze) anos, e nem do menino de 7 (sete) anos, sendo assim, como optamos por deixá-la à vontade para que pudesse relatar as suas vivências, inicialmente suas respostas estão mais voltadas para o filho de 18 (dezoito) anos.

E como eram vivenciadas as brincadeiras pelas crianças, na idade de 4 a 17 anos?

J é meio complexo... por que eu consigo lembrar das coisas mais do L.N. entendeu?... porque o L.H. não tem brincadeira a dois... tipo... é andar de bicicleta... era diferente antes igual é agora do L.H.

E nessa idade que tipo de brincadeiras, entre os(as) meninos(as), os seus filhos(as) mais gostavam de brincar?

J brincavam mais igual eu estou te falando né... é... tô respondendo sobre o L.N., as do L.H. eu não tenho nem base... entendeu? as brincadeiras da M.I. também é a mesma coisa.

E na sua opinião, o que essas brincadeiras representavam para eles/as?

J eu acho que... era uma forma de vivenciar o que o adulto passava né... tipo um... um espelho... sempre falam que os filhos são... é... espelhos dos pais, eu acho que dessa forma eles queriam me imitar.

E como essas brincadeiras possibilitavam a convivência entre os(as) meninos(as)?

J bom... mais uma pergunta difícil... eu acredito que... que dessa forma... eles brincando onde existia pai... mãe... filhinho... é onde eles tinham



mais proximidade com o sexo oposto... entendeu? eu não sei... de verdade... vocês vão falando se tá ficando bom.

E nessas brincadeiras, era possível perceber se já havia - por parte das crianças - uma compreensão sobre a sua sexualidade?

J então... é... eu acho que mesmo que por instinto eu acho que havia... porque sempre na hora que eles iam escolher... tipo assim... ah... eu vou ser a mamãe... é... eu vou ser o papai... eu vou ser o filhinho... eu percebia que assim nesse momento, eles ficavam constrangidos né... tipo... papai e mamãe... né... é... eu percebia nesse momento que eles já sabiam distinguir assim... em relação a sexualidade.

Nesse momento, podemos perceber que às respostas de J estão em sua maioria voltadas para a menina de 12 (doze) anos, denominada M. I.

E que tipo de educação sexual você proporciona aos seus filhos/as?

J em relação a sexualidade eu sempre tentei orientar assim da melhor forma... né... tipo... não deixar nada muito explícito... que tudo tem seu tempo... seu tempo de descoberta do seu corpo... é... meio complicada essa pergunta... por que a gente como mãe as vezes se atrapalha nessa parte por conta do constrangimento né... você vai falar sobre essas coisas... é um erro até... é... quando já... você já percebe alguma situação... igual no caso da M.I. agora né... então... aí você vai falar mesmo... nesse sentido... igual eu explico pra ela que tudo tem seu tempo... que... que ela vai se apaixonar... que ela vai ter vontade de ter um namorado... enfim... mas explico as causas que isso pode ter... em relação à sexualidade também.

E conte-nos como é o relacionamento entre meninas e meninos na sua família, na escola e no contexto social em que vivem?

J bom... é... eu nunca fui muito de... de proibir aproximação... tipo... ah... menina com menino... eu sempre fiz tipo... teve um convívio bom sabe? Sem muito... é... problema... porém sempre observando né... então...



eles tem um convívio bom... amizade na escola... tanto com menina quanto com menino... o convívio é sem... vamos dizer... sem muito... vamos dizer... qual é a palavra que vou usar? É... não é preconceito a palavra certa... sem distância né? porque muita família é criada assim... ah... menino separado de menina, e vocês já viram mesmo assim... que eu não tenho muito disso... até mesmo porque eu fui criada assim sabe? é um convívio assim... global... vamos dizer... todo mundo junto... unido... sem muitas diferenças assim... sabe? ah... é... tipo assim... é... eu sempre deixei brincar... menino e menina tudo junto... ah... vamos? nunca tive muito essa separação, eu não sei se eu estou conseguindo ser clara... eu acho que eles tem que viver tudo junto... menina com menino né... só que tudo observando todas as situações.

E você procura dialogar com seus filhos/as adolescentes orientando-os sobre o namoro e a preparação para um futuro casamento? em caso positivo, como é feita essa orientação?

J então... ((risos)) meninas... é assim... é falar que eu conversei... é... eu conversei... é igual eu falei pra vocês... quando chega assim... quando você percebe alguma situação... eu oriento... enquanto que tudo na vida tem seu tempo... é que paixões... namoricos vão acontecer mas que primeiro sempre tem que ter responsabilidade em primeiro lugar... em ser alguém na vida sabe? é... não atropelar as fases que a vida proporciona pra gente... até mesmo por causa da minha história? entendeu? é... eu sempre falo pra M.I. que ela tem que ser uma mulher independente... que ela tem que estudar... que ela tem que construir as coisas dela... ser independente de homem... tipo casar pra poder ter as coisas... não... ela estudar... batalhar... ter um serviço bom... eu sempre coloco isso muito na cabeça da M.I. ... principalmente da M.I. mas é que a hora que for casar que vai ter a sua independência... que vai



poder construir as coisas junto com o marido... né... é assim que eu converso... nessa parte eu converso bastante.

E quais valores você procura mostrar aos seus filhos/as para a construção futura de um relacionamento “saudável”?

J então... é... o que... acho que essa pergunta eu respondi um pouco na anterior... que um relacionamento saudável né... é que seja feito no seu tempo... não atropelando né... pra ter um namoro muito novo... podendo ter uma gravidez indesejada e não podendo terminar os estudos... mais pra frente não podendo arrumar um serviço bom... ou... é... tendo um casamento precipitado, onde isso vai gerar brigas... onde isso vai gerar problemas financeiros... então porque eu sempre... porque eu sempre... é... vamos dizer procuro assim... falar dos valores... é... esse respeitar o tempo tudo... o tempo... as fases... pra poder chegar né... vamos dizer nesse tal relacionamento saudável né...

E em que momento da vida de seus filhos/as, você viu a necessidade de dialogar com eles sobre as relações de amizade e de namoro?

J então... eu acho que eu também já respondi essa pergunta... o momento que eu decidi conversar sobre isso... igual eu falei... foi no momento que eu me vi de saia justa... no momento que eu vi um problema... sabe? em poder conversar... eu já tinha conversado outras vezes... é... quando a gente começa a perceber a mudança... aí... de que... aí... passar batom... arrumar cabelo... se perfumar... coisas que antes não se preocupava... aí a gente para e pensa... opa... alguma coisa tem aí né? então... nesse momento que eu percebi a mudança dele... dela... eu to falando... acho que a maioria das perguntas menina... eu tô respondendo em relação à M.I. ... tá? mas foi no momento em que me vi assim na situação de perigo né... que eu comecei a dar mais importância em conversar com ela sobre isso... sobre namoro né... mas, antes eu conversava... quando



comecei a perceber mudanças nela... no comportamento dela... no jeito que ela se arrumava... na preocupação que antes ela não tinha.

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos/as?

J então... é... os fatores foi o que? que fez eu decidir... é pra falar... eu não sei se vocês querem relatar isso ou não... mas um dos maiores motivos era pra não passar pelo que eu passei... entendeu? porque eu sei o fardo 1980 que eu carrego até hoje... eu tenho eles muito lindos... muito felizes... graças a Deus com saúde... mas eu sei o peso que teve na minha vida... então... é... foi... foi isso que pesou pra mim entendeu? é... não cometer o mesmo erro que eu... de ter uma gravidez indesejada... de atropelar todas as fases da sua vida e futuramente tudo tem um peso né? ah... e principalmente... por mais que eu terminei minha faculdade... por mais que hoje eu esteja trabalhando... eu ainda acho que se eu não tivesse filhos...se eu não tivesse casado... eu conseguiria ter alcançado um pouco mais sabe... mais... poderia ter passado num concurso... um concurso bom... então eu acho que também pesa muito em relação a você ser realizada profissionalmente que eu acho que atrapalha muito também.

E você recebeu, em algum momento da sua vida, orientação sobre educação sexual e as relações de gênero?

J (Risos) bom... é assim... não... eu não me lembro da minha mãe ter conversas francas comigo... de verdade... eu não me lembro... minha mãe sempre trabalhou muito né? pra poder suprir as minhas necessidades e da A. ... minha irmã... eu não me lembro... não me lembro de orientações... é... eu consigo lembrar assim... de coisas que eu via na escola... coisas que eu via na TV... mas em relação a dentro de casa... eu não me lembro... mesmo porque acho que eu nem dei tempo



pra isso né... eu engravidei com 14 anos... mas enfim... não... não me lembro.

E para finalizar deseja relatar-nos algum acontecimento marcante vivido pelos seus filhos/as em relação às descobertas da sexualidade?

J bom... eu fico tentando aqui pensar em algum momento marcante... é... a não ser esse né... que sem mais e sem menos... eu descobri que a minha filha de 13 anos está apaixonada... e namorando sem o meu consentimento... mas que na realidade eu já conversei com ela né... eu acho que proibir é a pior saída... porque a gente já teve essa idade... a gente sabe que... que o proibido é mais gostoso... porém... eu não estou agindo como uma coisa natural... porque eu disse que tudo tem seu tempo... tem sua fase... que paixõezinhas vão e voltam... acabam... e que tudo tem seu tempo... que eu não estou proibindo ela de gostar dele... se apaixonar por ele... de ter um namorico... mas que eu não vou aceitar um namoro... porque eu preferia que minha mãe tivesse feito comigo isso antes que eu engravidasse entendeu? não sei se isso conta como fato... é... vamos dizer... mas pra mim foi.

E você gostaria de fazer alguma outra colocação?

J não meninas... obrigada... esse assunto é um pouco complexo... espero que eu tenha colaborado com vocês...

E J. sendo assim... agradecemos por nos ter concedido essa entrevista.

J eu que agradeço. ((risos))

S. M.

Chegamos à residência de S. M. às dezoito horas e seis minutos, sentamos na sala, nos apresentamos, e explicamos como seria a entrevista, em seguida lemos o termo de consentimento e ela o assinou, lemos as perguntas antes de iniciar a gravação para que ela se preparasse. Percebemos que a entrevistada estava desconfortável com o assunto e então propomos que ela nos enviasse via áudio no



“WhatsApp”, porém ela quis responder naquele momento e a entrevista durou certa de quinze minutos.

E como eram vivenciadas as brincadeiras pelas crianças, na idade de 4 a 17 anos?

S não sei dizer...

E nessa idade que tipo de brincadeiras, entre os (as) meninos(as), os seus filhos(as) mais gostavam de brincar?

S comidinha, imitar cachorro, gato.

E na sua opinião, o que essas brincadeiras representavam para eles/as?

S diversão...

E como essas brincadeiras possibilitavam a convivência entre os (as) meninos(as)?

S sendo brincadeiras sem distinção de gênero.

E nessas brincadeiras, era possível perceber se já havia - por parte das crianças - uma compreensão sobre a sua sexualidade?

S sim...

E que tipo de educação sexual você proporciona a sua filha?

S fique longe do sexo oposto... eles fazem o mal... Não pode sentar no colo de homens... sendo eles: tio, avô, primos...estranhos...não deixar tocar nas suas partes íntimas...e se caso aconteça... gritar independente de quem seja que estivesse tocando-a

E conte-nos como é o relacionamento entre meninas e meninos na sua família, na escola e no contexto social em que vivem?

S normal...cada um sabe seu lugar...todos se dão bem.

E você procura dialogar com sua filha orientando-a sobre o namoro e a preparação para um futuro casamento? Em caso positivo, como é feita essa orientação?

S não, por ser uma criança ainda.



- E quais valores você procura mostrar a sua filha para a construção futura de um relacionamento “saudável”?
- S estabilizada financeiramente, boa formação, saber respeitar.
- E em que momento da vida de seus filhos/as, você viu a necessidade de dialogar com eles sobre as relações de amizade e de namoro?
- S sobre namoro...crianças não namoram... sobre amizade...tem que ser uma criança menos chata... mimada...tem que dividir as coisas com as outras crianças...saber ceder em alguns momentos pra...não gerar conflitos entre os amiguinhos.
- E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus filhos/as?
- S saber que existe homem e mulher... para saber diferenciar o que é um e outro.
- E você recebeu, em algum momento da sua vida, orientação sobre educação sexual e as relações de gênero?
- S não...por isso converso sempre que possível com a minha filha.
- E para finalizar deseja relatar-nos algum acontecimento marcante vivido pelos seus filhos/as em relação às descobertas da sexualidade?
- S não...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer das entrevistas observamos que todas as entrevistadas apresentavam fortes traços de uma orientação sexual totalmente tradicional em que não houve diálogo aberto e sincero, nem fortalecimento do vínculo afetivo entre pais, mães, filhos e filhas, e tampouco se contemplou a diferença e o respeito ao outro. Como abordou T em seu relato: “Vocês sabem como eram nossos pais né... nossa mãe não conversava sobre isso... era tudo careta... a gente tinha é que aprender com a vida mesmo”, diante disso, elas procuram dar mais abertura aos seus filhos quando os



assuntos são relacionados a gênero e à sexualidade, diferentemente do que aconteceu com as mesmas. Enquanto que, J relata que acredita que se por ventura tivesse recebido orientação sexual adequada, provavelmente, sua vida seria diferente e talvez não tivesse engravidado aos quatorze anos de idade. Ressalta ainda que, espera que seus filhos não tenham o mesmo futuro que o dela.

Em vista dos relatos, observamos que as entrevistadas alegam não terem recebido orientação sexual adequada por parte de suas famílias e compreendem o quão importante é transmitir essa orientação aos seus filhos. Portanto, elas percebem as mudanças existentes entre a maneira como foram educadas e a atual conjuntura social no que diz respeito às relações de gênero e ressaltam que têm o intuito de adotar uma postura diferenciada daquelas promovidas por seus pais.

Mediante aos fatos aqui apresentados, remetemo-nos a Foucault (1984, p.27), quando o autor afirma que:

O essencial não são todos esses escrúpulos, o “moralismo” que revelam, ou a hipocrisia que nele podemos vislumbrar, mas sim a necessidade reconhecida de que é preciso superá-los. Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. (FOUCAULT, 1984, p.27)

Assim, a partir das ideias apontadas por Foucault e, amparados pelo resultado das entrevistas realizadas, pudemos inferir que em relação à orientação sexual seria necessário percorrer caminhos que levem para além da transmissão das informações perpetuadas por meio de uma visão moralista e conservadora sobre sexualidade e gênero. Consequentemente, faz-se necessário promover uma busca por espaços de ruptura com este padrão tradicional preestabelecido. Consideramos que a família

pode debater com seus filhos a educação sexual, superando modelos repressivos culturalmente impostos pela sociedade.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, M. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREUD, S. **O Esclarecimento Sexual das Crianças**. (1907). Trad. do alemão e do inglês sob a direção-geral de Jayme Salomão. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. IX.

J. G. S. **Registro de Memórias sobre as Vivências da Sexualidade e Relações de Gênero: Roteiro de Conversa com Pais de Crianças e Adolescentes**. Jul. 2017 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a CREMONESI, A. L. S.; SOLAECHE, A. G. F.; SANTOS, F. M.

S. M., **Registro de Memórias sobre as Vivências da Sexualidade e Relações de Gênero: Roteiro de Conversa com Pais de Crianças e Adolescentes**. Jul. 2017 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a CREMONESI, A. L. S.; SOLAECHE, A. G. F.; SANTOS, F. M.

T. E. O. **Registro de Memórias sobre as Vivências da Sexualidade e Relações de Gênero: Roteiro de Conversa com Pais de Crianças e Adolescentes**. Jul. 2017 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a CREMONESI, A. L. S.; SOLAECHE, A. G. F.; SANTOS, F. M.